



Um Futuro para a História Militar

Sérgio Paulo Muniz Costa*

Artigo elaborado, especialmente, para o C Prep ECEME (Curso de Preparação à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército) constitui fonte de consulta para os candidatos ao Concurso de Admissão a essa Escola, já a partir de 1997.

"O valor da História e, conseqüentemente, o da História Militar, não está pois nos fatos que relata e nem mesmo nos princípios que ilustra. O valor da História reside naquilo que ela pode propiciar em termos de uma compreensão atualizada do passado e, conseqüentemente, de um melhor entendimento do presente."

Jay Luvaas

A História Militar está presente nas obras mais antigas e fundamentais da humanidade. A Bíblia Sagrada e a "História" de Heródoto são tratados produzidos, ou voltados, para passados distantes, que descrevem e, até, analisam eventos militares que tiveram decisiva importância nos acontecimentos subsequentes de determinadas épocas e geografias. Obras seminais para toda a História Ocidental, como os poemas da Ilíada e da Odisséia e o tratado político-histórico de Tucídides, foram motivados e conhecidos a partir de dois dos gran-

des eventos militares da Grécia Antiga: a Guerra de Tróia e a Guerra do Peloponeso. Nesse sentido, é lícito afirmar que, sob muitos aspectos, a História Militar precede, explica e orienta a própria História.

Alguns dos maiores pensadores da humanidade, na *política*, nas *ciências* e nas *artes*, não puderam deixar de atuar nessa área de estudos, produzindo trabalhos que marcaram a evolução da arte da guerra, como foi o caso de Maquiavel e Leonardo Da Vinci. Na Idade Moderna, Clausewitz, autor engajado nas Guerras Napoleônicas e alimentado pelos espíritos de Kant e Goethe, a partir da análise crítica daqueles aconteci-

* Tenente-Coronel de Artilharia e Estado-Maior.

mentos, produz a obra de referência sobre a guerra, ligando-a definitivamente à Política. Mais recentemente, pensadores influentes, como Raymond Aron e Barbara Tuchman, discutiram profundamente temas militares do nosso século, como a Primeira Grande Guerra e a Guerra Fria. Na atualidade, nem mesmo o renomado futurólogo Alvin Tofler ficou à margem da História Militar, ao propor uma releitura da mesma segundo sua tese do choque de ondas de civilizações, lançando "Guerra e Antiguerra".

Essas colocações servem para lembrar que o estudo da História Militar, eficaz e produtivo para as Instituições Militares, deve estar inserido em um ambiente mais amplo no qual identificamos a Política e as Ciências Humanas. Deverá também passar, obrigatoriamente, pelo entendimento geral de conceitos próprios a cada cultura, que proporcionarão uma base para as discussões, formulações teóricas e verificações. Não se trata, portanto, de um mero discorrer de fatos militares com objetivo de memória. Há que se aplicar, à massa descritiva, a análise da crítica histórica. Tratada dessa forma, a História Militar é uma ciência do futuro, apta a desvendar os mistérios e as razões dos sucessos e fracassos nas empreitadas da mais perigosa e complexa das artes, a da guerra, subsidiando a consecução do objetivo primordial de qualquer exército em todos os tempos — a vitória.

ALGUNS CONCEITOS

A utilização da capacidade humana de pôr em prática uma idéia, valendo-se do domínio de meios materiais, com vista a um resultado, define o que seja *arte*.¹ Um resulta-

do militar — obtido pela capacidade humana e meios materiais colocados à sua disposição — seria a meta da *arte da guerra*.

Já o *pensamento militar* é o produto intelectual do segmento sócio-profissional incumbido da atividade militar. Esse pensamento é decorrente de fatores culturais, como as condições de recrutamento e formação dos oficiais, da formação e evolução da nacionalidade e da influência do ambiente político e intelectual sobre as Forças Armadas. Aspectos fisiográficos, psicossociais e econômicos também influem na configuração do pensamento militar. Deverá ter uma certa densidade e sua influência ser percebida na concepção da guerra e das operações militares, a fim de que seja aceito como tal.

Vale a pena retornarmos aos meados do século passado, época das guerras no Prata, para identificar os contornos gerais de um *pensamento militar brasileiro* que vai se consolidar na Guerra da Tríplice Aliança. Como condicionantes fisiográficas, podemos alinhar a grande preocupação brasileira com a garantia de livre navegação nas grandes vias fluviais, por razões políticas e econômicas, o que conduziu às alianças preliminares e à conduta das operações na guerra, bem como deu, à Marinha Imperial, papel proeminente nos planejamentos e nas ações iniciais do conflito. Dentre os aspectos psicossociais, a carência de recursos humanos no teatro-de-operações levou à necessidade de uma custosa e ampla mobilização dos Voluntários da Pátria, que forneceu o grosso de nossa Infantaria. Como condicionante econômica, a nossa condição de país exportador, bem relacionado nos meios econômicos e financeiros internacionais, permitiu a obtenção de créditos significativos que sustentaram o esforço interno de guerra e a aquisição de material bélico no estrangeiro. Com efeito, em pouco tempo, Marinha e Exército Imperiais adquiriram um aprestamento material inve-

1. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª edição, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986, p. 176.

ável, dispoño de encouraçados, canhões de tiro rápido, balões e Engenharia, capazes de sustentar ousadas e vultosas operações ribeirinhas que, após o período de estagnação pós-Tuiuti, contribuiu de forma decisiva para que o exército regular de Solano López, depois de forçado a sair de seu bem montado dispositivo defensivo, fosse varrido dos campos de batalha na Dezembroada.

Uma das palavras mais controvertidas da nossa atualidade é o termo *política*. Pode-se falar de uma política nacional, de uma política econômica e da política como a atividade desenvolvida pelos políticos, em sua maioria articulados em agremiações denominadas partidos. Essas concepções refletem a amplitude do termo. Uma definição suficientemente precisa e satisfatória de *política* coloca-a como "a atividade através da qual são conciliados os diferentes interesses, dentro de uma determinada unidade de governo, dando a cada um deles uma participação no poder, proporcional à sua importância para o bem-estar e a sobrevivência de toda a comunidade."² Para nosso estudo, a *política* se exprime através da formulação de objetivos, cuja consecução se faz através da *estratégia*.

Os dois termos — *política* e *estratégia* — estão, portanto, intimamente ligados. Há muito tempo que a *estratégia* deixou de ser apenas a arte do general, conforme sua origem grega. Em relação à atividade bélica, alguns autores distinguem a *grande estratégia* — relativa à condução da guerra pelo Governo ou Comando Supremo — da *estratégia*, esta responsável, exclusivamente, pela preparação e condução da atividade bélica em amplos espaços, tempos e circunstâncias militares.

Desde Aristóteles, a *política* passou a ser considerada a ciência mestre entre os homens, concedendo, às demais ciências e atividades humanas, oportunidades para desempenharem seu papel social. É a *política* que oportuniza a guerra como atividade social, que parece ser mais elaborada na medida em que mais organizadas se acham as sociedades. Quando tribais, as sociedades ritualizam a guerra ao ponto de ela servir como elemento de definição das relações sociais na comunidade. O estudo de John Keegan sobre a guerra nas sociedades da Ilha de Páscoa, da Oceania, e entre os Ianomâmis mostra como a ritualização da violência serve a propósitos de estabelecimento de uma certa ordem social interna que garanta a sobrevivência do grupo, um propósito, sem dúvida alguma, político, ainda que não se possa aplicar rigorosamente o termo *política* à atividade de governo nessas comunidades. A estreiteza e limitação de horizontes dos barões na Idade Média também ritualizou, no Ocidente, a guerra, misturando a forma de combater, a cavalaria pesada, a todo um código de conduta pessoal que marcou a vida de uma parte da humanidade por longo tempo.

Mas o que distinguiu o Ocidente no seu berço cultural, a Grécia, foi a inovadora capacidade de travar terríveis batalhas, de um grau de violência desconhecido até então, segundo um objetivo predeterminado. O fato de a falange grega ser composta por homens livres, esporadicamente associados em torno de um objetivo estabelecido por eles mesmos, iguais nas assembléias na condição de cidadãos, é o marco definitivo que assinala a ligação entre *política* e *guerra*.

O Ocidente, a partir do século III a.C. — Grécia e Roma — passa então a fazer a guerra com uma objetividade até então desconhecida, o que torna sua política dominan-

2. CRICK, Bernard. *Em Defesa da Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.

te no Oikumenê. Ultrapassada a fase de estagnação da Idade Média, o Ocidente retoma sua tradição de subordinar a guerra à política. Seria o cataclisma da Revolução Francesa, depois do Iluminismo, que tornaria mais racional e inteligível a relação guerra-política, sintetizada por Clausewitz em conhecida sentença — “a guerra é a continuação da política por outros meios.” Foi necessário lembrar a trajetória histórica da guerra para chegarmos ao ponto da aceitação do fato de a guerra ser concebida de uma determinada forma, conforme os interesses da política.

A concepção da guerra decorre, portanto, dos objetivos que a política pretende atingir através daquele instrumento, e se situa no nível da grande estratégia, onde se combinam as ações em todas as expressões do Poder Nacional, efetivadas por todos os instrumentos de que dispõe o Estado, inclusive suas Forças Armadas. Na nossa História Militar, a guerra movida pelo Império do Brasil contra a República do Paraguai, entre 1865 e 1870, foi concebida no contexto do acordo de uma Tríplice Aliança, que condicionou todo o esforço militar, econômico e diplomático do Brasil.

A Concepção das Operações está situada no nível da estratégia e poderia abarcar desde o teatro-de-operações até a arte operacional. Ainda tomando, por caso de estudo, a Guerra da Tríplice Aliança, a concepção das operações por Caxias, ao assumir o comando das Forças Aliadas, envolvendo o Exército e a Marinha, englobou desde a continuação da progressão a cavaleiro do Rio Paraguai para conquistar Assunção até o envolvimento do dispositivo defensivo guarani, que culminou com a Dezembrada.

Abaixo do nível da concepção das operações viria a tática, mais limitada nas dis-

tâncias, tempos e desdobramentos das ações militares.

A EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA E DO PENSAMENTO MILITAR

Três grandes eventos marcaram militarmente este século, devido às suas causas e efeitos, que são verdadeiros pontos de inflexão na arte da guerra e no pensamento militar. São a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais e a Guerra do Golfo. As duas primeiras são escolhas incontestáveis, como conflitos mundiais de longa duração que trouxeram modificações amplas e profundas para a humanidade, impossíveis de não se refletirem na arte e no pensamento militares.

A Guerra do Golfo é um caso diferente, devido a alguns aspectos controversos. Teve dimensão planetária, devido à amplitude das participações nacionais e aos vetores de emprego usados e cogitados. No entanto, sua duração, número de baixas e a extensão dos prejuízos pode ter ficado abaixo daqueles decorrentes de conflitos notórios como a Guerra da Coreia, da Indochina, do Vietnã e do Afeganistão. Ela é um desses marcos por ser a ante-sala da guerra do futuro, ao empregar, pela primeira vez, meios e idéias concebidos para conflito encaminhado e não ocorrido, a Terceira Guerra Mundial, e conflitos estimados em prazo incerto.

Ao cogitarmos sobre a influência desses conflitos sobre a evolução da arte da guerra, devemos considerar as idéias que eles materializavam e os meios disponíveis para sua consecução.

Em relação à Primeira Guerra, o que melhor caracterizou a arte da guerra na aber-

tura do conflito foi a concepção do Plano Schlieffen, já comentada,³ tendo por idéia central a resolução do problema militar da Alemanha, face a uma guerra em duas frentes, mediante o emprego do Exército Alemão apoiado na minuciosa burocracia da mobilização e nos excelentes sistemas de comunicações e de transporte da Alemanha Imperial. O pensamento militar alemão aflorou em toda sua extensão nesse plano. A busca da batalha decisiva e a colimação de Paris como centro de gravidade das operações são uma decorrência do pensamento de Clausewitz que, a essa altura, já havia influenciado o pensamento militar alemão e, por reação, o francês.

A guerra industrial e de desgaste que se seguiu ao fracasso do Plano Schlieffen alterou a arte da guerra e o pensamento militar da época. A idéia não mais era a derrota do inimigo numa única, gigantesca e decisiva batalha ofensiva de movimento. Agora, o inimigo deveria ter sua vontade dobrada numa suprema prova de vontades, alimentada por um complexo industrial movido por toda população, trazida à dura realidade da guerra moderna. *Somme* e *Verdun* são os exemplos mais eloqüentes dessa nova etapa da evolução da arte da guerra, na qual o fogo e a defensiva predominam sobre o movimento e a ofensiva. É natural que a idéia e os meios disponíveis para sua consecução influenciassem o pensamento militar pós-guerra.

No Brasil, a atividade da Missão Militar Francesa deixou marcas bem características na atividade militar profissional e obras, como as duas conferências proferidas⁴ para

nossa Escola de Estado-Maior, em 1934, pelo Coronel Homo, da Missão Militar, ilustram o pensamento militar da época.

Descendo ao nível da tática elementar e da sua sustentação técnica, podemos indicar, como alguns dos principais resultados da Primeira Guerra Mundial, o grupo de combate organizado em torno da arma automática, o FM, a ligação Infantaria-Artilharia e o emprego do carro de combate acompanhado pela Infantaria. A batalha ainda era linear, sem tentativas sérias de desbordamento ou envolvimento, varridas do pensamento militar pela procura obsessiva da brecha, o Santo Graal dos comandantes militares terrestres no norte da Europa, entre 1915 e 1918. Em relação ao condicionante tático do pensamento militar francês em decorrência da experiência da Primeira Guerra Mundial, é sintomático observar que, em um documento de instrução francês relativo à Divisão de Infantaria, de 1938,⁵ a manobra ofensiva é concebida em três fases — preliminar, ruptura e exploração.

Pode-se afirmar que a vitória faz o futuro. Aqueles que combatem no passado estão condenados à derrota. Independentemente dos erros e fracassos da política e da grande estratégia dos Aliados frente a Hitler, no final dos anos 30, as modalidades de arte de guerra de aliados e alemães confrontadas nos campos de batalha do norte da Europa, em 1940, demonstram que uma profunda evolução havia ocorrido.

A grande estratégia alemã triunfou completamente sobre os aliados nos anos anteriores à guerra, com a criação de uma zona

3. COSTA, Sérgio Paulo Muniz. "Clausewitz, o Plano Schlieffen e o Princípio do Objetivo". *A Defesa Nacional*, nº 745, setembro/outubro de 1989.

4. HOMO, Tenente-Coronel, Artilharia (*Dois Conferências*) Imprensa do Estado-Maior do Exército, Rio de

Janeiro, 1934.

5. CURNIER, Coronel Lt. *Notes Préparatoires aux Exercices de Tactiques Générale et d'Etat-Major*. Ecole Supérieure de Guerre.

de influência econômica alemã na Europa Central e do Leste, com a neutralização da aliança França-Rússia, através do surpreendente Pacto Ribentrop-Molotov, e com a reocupação militar da Renânia, que esvaziou a última oportunidade francesa de atuar ofensiva e preventivamente contra a Alemanha, tudo isso coberto por uma atuação diplomática intensa que, no lado aliado, ensejou o "apaziguamento".

A experiência da Primeira Guerra Mundial havia demonstrado a necessidade da criação de um escalão entre a frente e os exércitos de campanha, os grupos-de-exército, grandes executores das manobras estratégicas nas frentes ocidental e oriental. Os jogos de guerra, uma tradição na instrução dos oficiais e no pensamento militar germânico, e o talento tático de jovens generais que haviam combatido na Primeira Guerra Mundial propiciaram a ascensão da *arte operacional*, a atividade puramente militar do general. A grande revelação nesse campo foi Rommel, que alguns anos antes lançara um livro⁶ no qual consubstanciava sua bem-sucedida experiência de combate em frentes de movimento na Primeira Guerra Mundial, e prefigurava sua brilhante atuação no próximo conflito. A batalha deixou de ser linear em todos os níveis e as manobras de cerco foram largamente empregadas.

Taticamente, a Segunda Guerra Mundial foi revolucionária. A ligação Infantaria-

Artilharia foi largamente ampliada, graças à nova tecnologia eletrônica, e permitiu uma nova ligação ainda mais dinâmica e eficaz, o binômio avião-blindado. A Infantaria Blindada seguiu os carros de combate e a manobra das frações elementares foi flexibilizada. Todas as inovações apresentadas pelos alemães, no início da guerra, foram superadas pelos aliados, no final do conflito, graças à validação das táticas e técnicas e à disponi-

"Todas as inovações apresentadas pelos alemães, no início da guerra, foram superadas pelos aliados, no final do conflito, graças à validação das táticas e técnicas e à disponibilidade de tecnologias e equipamentos mais aperfeiçoados."

bilidade de tecnologias e equipamentos mais aperfeiçoados, desenvolvidos, em particular, pelos norte-americanos. Pesavam ainda sérias limitações sobre o comando e controle de unidades em combate, em decorrência da tecnologia disponível. Um exemplo disso era

o sistema de comunicações adotado pelos escalões de ataque dos Batalhões de Infantaria que empregavam o cabo leve, uma linha telefônica que era lançada à medida que o escalão de ataque progredia. No revés que o Destacamento FEB sofreu em Lama Di Soto, a perda das comunicações, em consequência do rompimento da linha telefônica com os elementos em primeiro escalão, prejudicou a consolidação do objetivo, facilitando o contra-ataque alemão ocorrido em seguida.

AS PRINCIPAIS CAMPANHAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO

O Exército Brasileiro, desde sua gênese histórica, a Batalha de Guararapes, em 19 de abril de 1648, participou ativamente da

6. ROMMEL, Erwin, *Infanterie Greift an.*, Potsdam, Ludwig Vögelin Verlag, 1937.

defesa interna e externa do País, cumprindo as mais diversas missões, em decorrência de sua missão estrutural de proporcionar segurança à Nação. Ao longo de três séculos, podemos fazer algumas escalas no tempo que bem caracterizam a atuação do Exército. A primeira seria no século XVII, durante a Guerra Holandesa, desdobramento em nossas terras da Guerra dos Trinta Anos, o conflito que escreveu a sangue o endereço do Brasil, como escreveu Gilberto Freyre. A segunda seria no século XIX, durante a Guerra do Paraguai, o nosso maior envolvimento militar externo, cujos resultados preservaram nossa integridade territorial e permitiram que o Brasil atingisse o atual patamar político-estratégico na América do Sul. A terceira seria na virada do século XIX, com a participação do Exército na debelação de insurreições derivadas do banditismo endêmico que assolava o interior desassistido do país, como foram os episódios de Canudos, em 1896-1897, e do Contestado, em 1914. A quarta escala, no nosso século, marca a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, através da mobilização e a defesa territorial, para preservar a nossa soberania e autodeterminação, em um momento de convulsão mundial, e da desassombada decisão governamental de participar diretamente do conflito com o envio de uma Força Expedicionária ao além-mar, uma atitude que teria profundas conseqüências para o País, interna e externamente, e para as Forças Armadas.

A 1ª Batalha de Guararapes foi o ponto de inflexão da Guerra Holandesa no Brasil, no período de 1630 a 1654. Até então, o Exército da Companhia das Índias Ocidentais não havia sido enfrentado em raso campo por uma força desdobrada a partir de uma decisão tomada por um comando constituí-

do. Os revezes experimentados anteriormente pelos holandeses, na Batalha de Salvador e nos Montes das Tabocas, não caracterizaram manobra.

Em Guararapes, ao saírem de Recife, os holandeses tinham em mente um duplo objetivo estratégico — a interdição do apoio externo de Portugal aos patriotas por via marítima e a abertura da histórica rota terrestre de invasão de Sergipe e da Bahia, através de Porto Calvo — que foi também visualizado pelo General Barreto de Menezes, a partir do preciso reconhecimento realizado por Antônio Dias Cardoso, e o levou à decisão de travar a batalha nos Montes Guararapes, onde o terreno, no Boqueirão, equilibrava a franca desvantagem numérica dos patriotas frente aos holandeses.

A manobra defensiva luso-brasileira, em linhas gerais, segundo a atual concepção doutrinária, foi uma defesa móvel. A força de Antônio Dias Cardoso apresentou pequena resistência à vanguarda holandesa, provocando o seu avanço para o Boqueirão e o desdobramento da direita holandesa sobre as alturas dos Guararapes, na busca da dominância de vistas e fogos sobre os patriotas. Seguiu-se o contra-ataque liderado pelo Terço de Pernambuco, nosso mais forte regimento, que destroçou o centro inimigo, capturando a artilharia e a caixa de pagamento da tropa holandesa. Simultaneamente, nosso flanco esquerdo, onde combatia o Terço de Henrique Dias, é fortemente pressionado pelos holandeses, o que leva o General Barreto de Menezes a constituir nova reserva que, lançada naquela parte da frente, repele o inimigo, caracterizando a vitória, que será consolidada por uma devastadora perseguição do inimigo.

Analisada didaticamente, segundo os Princípios de Guerra, a 1ª Batalha de Guara-

rapes foi vencida pelos luso-brasileiros graças à observância, pelos mesmos, principalmente dos princípios da *segurança*, da *surpresa* e da *manobra*. O resultado da batalha teve enorme repercussão no Brasil e na Europa, e consolidou a supremacia da forma "brasílica" de combater, com formações, equipamentos e armamentos mais leves e ênfases nas táticas de infiltração, o que caracterizou uma significativa evolução da arte da guerra. O caráter multiétnico da aliança patriota também ensejou a criação dos Regimentos de Henriques, tropas que estiveram organizadas até o século XVIII, em reconhecimento aos feitos de Henrique Dias.

Ultrapassado nosso Período Colonial e feita a Independência, o Brasil teve, logo ao início de sua existência como nação soberana, conflitos com as nações do Prata. Na Guerra da Cisplatina, a indefinição tática do resultado da Batalha do Passo do Rosário não modificou a superioridade estratégica de que desfrutou o Brasil durante toda a guerra e que permitiu ao País atingir seus objetivos no acordo de paz que pôs fim ao conflito.

Anos depois, os resultados da Campanha da Cisplatina tiveram de ser garantidos através de uma nova intervenção brasileira no Prata, desta vez contra Oribe e Rosas. O clima de guerra civil vivido no Uruguai e na Argentina levou o Brasil a procurar uma aliança com os adversários internos dos ditadores uruguaios e argentinos. Caxias foi nomeado Presidente da Província de São Pedro do Sul, nosso atual Rio Grande, e Comandante das Forças Brasileiras, que, depois da mobilização militar da província, marcharam em apoio aos caudilhos rebelados, primeiro no Uruguai e depois na Argentina. No segundo caso, uma pequena força brasileira, a Divisão Auxiliar, foi destacada, sob o comando do Brigadeiro Manuel Marques de Sou-

za, e teve papel decisivo na Batalha de Monte Caseros, que decidiu a campanha.

Esses dois conflitos são os principais antecedentes da Guerra da Tríplice Aliança, e sinalizam um aspecto comum a ambos que prejudicou o desenvolvimento da grande estratégia do Brasil no Cone Sul em meados do século passado — a sua fraqueza militar. O Brasil não pôde dissuadir o pobre e pequeno Paraguai de, transformado na Prússia da América do Sul pela autocracia familiar Lopez, cometer o erro histórico de desencadear uma guerra contra Brasil e Argentina, por entender o primeiro como fraco e desprovido de determinação e, a segunda, dividida por dissensões internas.

A *grande estratégia* do Paraguai nunca ficou bem determinada. Parece que Lopez concebeu a guerra partindo da suposição de que o Brasil aceitaria a perda de vastos territórios do sul de Mato Grosso e até de parte do Rio Grande do Sul. Pressupôs provavelmente Lopez, ainda, que as dissensões internas argentinas continuassem acirradas, ao ponto de uma secessão pró-Paraguai em Entre-Rios e Corrientes. Do lado brasileiro, foram seguidas as grandes linhas da política externa do Império para o Prata — ação combinada com os governos argentino e uruguaio, garantia dos limites territoriais e soberanias vigentes, livre navegação nos grandes rios da bacia — que culminaram na assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, formada por Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai.

Caxias, consultado pelo Governo Imperial acerca da melhor forma de conduzir a campanha, concebeu as operações desenvolvidas no sentido leste-oeste, a partir de território brasileiro e evitando o fortíssimo dispositivo defensivo montado por López a cavaleiro do Rio Paraguai. As condicionantes

políticas haviam, no entanto, direcionado a estratégia da aliança e a concepção das operações em um outro sentido.

Os principais acontecimentos que caracterizam a guerra foram a Batalha de Riachuelo, a Batalha de Tuiuti e a campanha da Dezembrada. A primeira demonstrou o caráter ribeirinho das operações militares e a estreita cooperação entre Marinha e Exército Imperiais nos difíceis combates que se seguiram. A segunda caracterizou a batalha típica da guerra, até a tomada de Assunção, com emprego das três Armas, grande número de baixas em ambos os lados e ausência de perseguição devido às dificuldades do terreno, imposições de segurança e esgotamento físico da tropa. O terceiro acontecimento, a campanha da Dezembrada, inaugurou uma nova fase das operações, depois da estagnação pós-Tuiuti, e foi a mais dinâmica. Conquanto tenham exigido grandes esforços por ainda cerca de dois anos, a campanha das Cordilheiras não caracterizou a Guerra, devido à natureza das operações e ao vulto das forças inimigas.

A Guerra do Paraguai trouxe importantes inovações na Arte de Guerra para o Brasil. No Exército houve modificações doutrinárias, estimuladas por Caxias, particularmente nos regulamentos de Infantaria. A Artilharia recebeu e empregou largamente o canhão *La Hitte*, raiado, com maior alcance e precisão, e, ao final da guerra, possuía considerável volume de fogo. A Engenharia teve sua importância aumentada, particularmente em função do largo emprego de obstáculos e das dificuldades de locomoção no teatro-de-operações.

O *poder nacional* ficou obviamente aumentado em decorrência da Guerra. Não só a expressão militar, mas também as expressões política e econômica saíram fortalecidas como consequência da consecução dos objetivos nacionais, internos e externos, e do esforço de mobilização industrial. Boa parte das mais caras tradições militares nacionais nasceram da participação do Exército e da Marinha na Guerra do Paraguai. O moral militar saiu fortalecido, servindo como elemento de dissuasão, face a complicações externas pós-guerra na região, e transmitindo à sociedade brasileira o inconformismo do segmento militar com a escravidão. A

estrutura militar sofreu com modificações na organização do Exército, com a disposição das unidades no território nacional e com a instalação de arsenais e hospitais. Houve também a

“Boa parte das mais caras tradições militares nacionais nasceram da participação do Exército e da Marinha na Guerra do Paraguai.”

preocupação com os inválidos e os dependentes dos mortos em combate, sendo criada uma estrutura legal e física de apoio. Acendeu-se também a discussão sobre o Serviço Militar, só implantado mais de 40 anos depois, devido à campanha movida por Olavo Bilac.

Situação distinta da Guerra do Paraguai viveu o Exército Brasileiro durante a virada do século na manutenção da ordem interna. As baixas prioridades para o reequipamento do período pós-guerra, a infiltração político-ideológica do positivismo entre os oficiais mais jovens e o desaparecimento dos grandes líderes militares que haviam conduzido o Exército durante as lutas do século XIX colocaram a Força, já antes da Proclamação da República, em má situação em relação a equipamentos e doutrina. A turbu-

lência política advinda com as lutas desencadeadas no período posterior à Proclamação da República agravou ainda mais as deficiências do Exército. O poder político central ficou consideravelmente esvaziado e o Exército viu-se, em pouco tempo, de frente a graves problemas de segurança interna causados por forças rebeldes de vulto.

Mal haviam se apagado as chamas da Revolução Federalista, estourou, no sertão da Bahia, a crise de Canudos. Banditismo, ignorância, fanatismo religioso e problemas políticos locais engendraram, em cerca de três anos, um desafio à ordem legal no interior da Bahia, que aspirou o Exército a uma campanha para a qual não estava preparado, material e doutrinarmente. Foram necessárias quatro campanhas, custosas em vidas e recursos, para que a ordem fosse restabelecida. O grande ensinamento da campanha foi a organização do sistema de apoio logístico, pelo Marechal Bitencourt, Ministro da Guerra de então, que foi pessoalmente à região de operações organizar o sistema logístico de apoio a operações numa área inóspita e árida, na qual combatia, perfeitamente ambientado e bem apoiado, o jagunço.

A expedição que pôs fim ao conflito empregou 31 (trinta e um) Batalhões de Infantaria, organizados em 7 (sete) brigadas dispostas em duas colunas divisionárias, que operaram a junção nas proximidades de Canudos, em junho de 1897, e combateram, em desvantagem, ininterruptamente, até setembro, para isolar o reduto de Antônio Conselheiro do vasto sertão de onde vertia, incessante, o fluxo de suprimentos para os jagunços fanatizados. Foi preciso ainda mais de um mês de difíceis combates para, finalmente, reduzir a resistência dos fanáticos. A experiência serviu para alertar os chefes militares sobre as deficiências do Exército e foi

um dos fortes argumentos para a Reforma Militar que se seguiria, no início do século.

A Campanha do Contestado, quase 20 anos depois, encontrou o Exército em situação bem diferente. Havia ocorrido a Reforma Militar, conduzida pelo Marechal Hermes da Fonseca e estimulada pelo Barão do Rio Branco. Havia um espírito cívico-patriótico despertado pela campanha de Olavo Bilac e estava em organização o sistema de atiradores, o precursor do Serviço Militar. Fotos e documentos hoje existentes na área da 5ª Região Militar atestam o grau de voluntariado civil para defender as cidades e vilas e o bom estado da tropa na área. Não houve necessidade de uma mobilização nacional e as operações se caracterizaram mais por uma retomada do controle de uma vasta área dominada pelo banditismo mesclado a fanatismo e ignorância da população isolada e desassistida. Nessa campanha, a aviação militar brasileira fez sua estréia, com vôos de reconhecimento, mais uma prova da evolução doutrinária e material da Força Terrestre naquele período.

Depois de atravessar a turbulência política dos anos 20, o Exército começou a viver, a partir da década de 30, uma fase de grande evolução doutrinária, material e moral. Reorganizou-se a Escola Militar do Realengo, com a adoção de modificações no ensino e a criação de uma mística do Cadete. Foram resgatadas as tradições e a memória dos feitos militares da Guerra do Paraguai, sendo particularmente destacada a figura ímpar do Duque de Caxias. A Missão Militar Francesa intensificou suas atividades, particularmente junto ao Estado-Maior e à Escola de Estado-Maior, chegando a ser chefiada pelo General Gamelin, futuro comandante do Exército francês. A futura Academia Militar das Agulhas Negras foi con-

cebida nesse período, sendo iniciada sua construção logo depois de uma manobra da Escola Militar do Realengo, em Resende. O Exército adquiriu os notáveis canhões *Krupp* C-26 e C-34 para a Artilharia de Campanha, e o Curso de Artilharia de Costa começou a funcionar em novos moldes, fruto da aproximação norte-americana no final da década de 30.

Essas modificações foram extremamente importantes para o Exército às vésperas da Segunda Guerra Mundial e explicam, em boa parte, por que o Exército, dispendo de estrutura e recursos tão limitados à época, pôde, em cerca de dois anos, executar o desdobramento defensivo no seu território, preparar uma Divisão de Infantaria Expedicionária e ainda assimilar e aplicar em combate uma nova doutrina, decorrente de táticas, técnicas e materiais até então desconhecidos.

Ao se falar da participação do Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial, devemos identificar três grandes linhas de atuação. Uma presença militar no sul do País, por razões internas e externas, onde a dubiedade de atitudes de países da região e a existência de quistos raciais permeados por idéias fascistas continham uma potencial ameaça à nossa soberania e à manutenção da ordem interna. A outra grande linha de atuação do Exército durante a Segunda Guerra Mundial foi a crescente e urgente necessidade de ocupação militar e defesa do saliente do Nordeste, estrategicamente ameaçado pela presença alemã na África do Norte e exposto à ação de corsários e submarinos. Finalmente, temos a mais notória participação do Exército na Guerra, com o evento além-mar, pela primeira vez na nossa História, de uma força de combate, a FEB.

Os reflexos na expressão militar do poder nacional, fruto da nossa participação na Segunda Grande Guerra, influenciaram a

doutrina, o moral e a estrutura militar terrestre brasileira. A organização divisionária norte-americana, a partir de então, passa a predominar, fruto da experiência da FEB e da cessão ou aquisição de material norte-americano. Na Artilharia, o tiro passa a ser centralizado no nível Grupo e AD.⁷ A Engenharia passa a operar com a renomada ponte Bayley, torpedos *bangalore* e se especializa a enfrentar a ameaça das minas. O emprego das pequenas frações das Armas-base também sofre modificações, em função da doutrina e do material norte-americanos. Criam-se os núcleos de Divisão Blindada e Aero-terrestre e são consolidadas e modernizadas diversas escolas de especialização.

O moral militar se fortalece, reforçando-se a tradição, na Força, de coragem e dedicação ao serviço com o exemplo dos expedicionários, havendo um grande alento para o profissionalismo militar, valorizado pela participação da FEB na Campanha da Itália.

A estrutura militar sofre talvez a mais profunda modificação neste século. Embora não tenham havido grandes modificações no desdobramento das unidades no território nacional, a estrutura de comando, do nível Grande Comando às Grandes Unidades, sofre radicais transformações. Um exemplo eloqüente é a criação do comando que, depois de sucessivas denominações e sedes, culmina no atual Comando Militar do Sul, historiado em recente trabalho do Coronel Moreira Bento.

CONCLUSÃO

A Arte da Guerra evoluiu rapidamente neste século, em função da tecnologia e da

7. Artilharia Divisionária.

complexidade dos problemas políticos e militares decorrentes da marcha da História. O Brasil, ascendendo, durante os anos 70, à condição de média potência e de 8ª economia mundial, consolidou toda sua experiência e entendimento das necessidades de segurança na reformulação doutrinária realizada naquele período e que vigora até hoje. É dessa época o esforço de concepção de uma Doutrina Militar Brasileira, essencialmente dinâmica, mas que teve seu embasamento teórico elaborado na Escola Superior de Guerra, a partir das colaborações dos estabelecimentos de ensino das Armas Singulares.

O pensamento, a estrutura e o moral militares brasileiros atuais são decorrentes da assimilação dos ensinamentos colhidos nas participações nas campanhas internas e externas. Num mundo cada vez mais incerto, multipolarizado e cortado por antagonismos, não é possível precisar qual a ameaça à segurança mais provável ou imediata. O esforço há de ser prospectivo e, para o entendimento da conjuntura atual nos seus aspectos militares, dentre os instrumentos disponíveis mais eficazes, dispomos da História Militar. A História não acabou e Clio, a Deusa da História, continuará em armas. □



BRASILIT

O melhor existe